

SETE

DIAS

Jonathan Tropper

SEM

FIM



ARQUEIRO



## O ARQUEIRO

GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certa: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratemplos da vida.

## CAPÍTULO 1

– **PAPAI MORREU** – diz Wendy sem a menor cerimônia, como se isso já tivesse acontecido antes, como se acontecesse todo dia. Às vezes dá nos nervos esse jeito dela de nunca se abalar, mesmo diante da pior tragédia. – Faz duas horas.

– Como está mamãe?

– Ah, daquele jeito dela, né? Queria saber quanto dar de gorjeta ao legista.

Sou obrigado a sorrir, embora eu sempre me irrite com a evidente incapacidade da nossa família de expressar emoção em momentos dramáticos. Não existe ocasião solene ou tensa que os Foxmans não consigam minimizar com a maior rapidez usando suas capacidades geneticamente desenvolvidas de ironia e fuga. Seja aniversário, festa, casamento ou doença, seguimos inabaláveis em nossas provocações, brincadeiras sarcásticas e ofensas. Agora papai morreu e Wendy está bancando a engraçadinha. O que é muito bem feito, já que ele foi uma espécie de pioneiro na vanguarda da repressão emocional.

– E a coisa só melhora – acrescenta Wendy.

– Melhora? Meu Deus, Wendy, você ouviu o que disse?

– Tudo bem, eu me expressei mal.

– Jura?

– Ele pediu que cumpríssemos a shivá.

– Quem pediu?

– De quem estamos falando? Papai! Ele queria que a gente cumprisse a shivá.

– Papai morreu.

Wendy solta um suspiro, sugerindo que é definitivamente muito cansativo desbravar a densa floresta da minha estupidez.

– Exatamente. Pelo visto esta é a ocasião ideal para isso.

– Mas papai é ateu.

– Papai *era* ateu.

- Está me dizendo que ele aceitou Deus antes de morrer?
- Não, estou dizendo que ele morreu e que você deveria conjugar o verbo no tempo correto.

Se parecemos dois babacas insensíveis é porque fomos criados assim. Para ser justo, porém, é preciso dizer que já estávamos vivenciando esse luto fazia algum tempo, com maior ou menor intensidade, desde que ele recebera o diagnóstico, um ano e meio antes. Papai vinha sentindo dores de estômago e esquivara-se dos apelos de mamãe para que consultasse um médico. Em vez disso, preferira aumentar a quantidade dos mesmos antiácidos que tomava havia anos. Consumia-os como se fossem balas, largando pedacinhos de papel laminado por onde quer que passasse, o que deixava os carpetes brilhando feito asfalto molhado. Até que suas fezes saíram vermelhas.

- Seu pai não está se sentindo bem - disse minha mãe ao telefone, fazendo uso de um eufemismo notável.

- Estou cagando sangue - resmungou ele ao fundo.

Nos quinze anos que se passaram desde que saí de casa, papai nunca falou comigo ao telefone. Sua voz só soava ao fundo, contribuindo com algum comentário ocasional quando lhe convinha. E pessoalmente era a mesma coisa. Mamãe sempre assumia o papel principal. Casar com ela foi, para ele, como se tornar um figurante.

Na tomografia computadorizada, os tumores brotavam como flores no duodeno de meu pai. Ao seu lendário estoicismo agora somava-se o fato de ele ter passado um ano tratando câncer metastático de estômago com pastilhas para azia. Vieram então as cirurgias, como era de se esperar, depois a radioterapia, e finalmente as sessões de químio, já no tudo ou nada, que supostamente deveriam reduzir os tumores, mas acabaram encolhendo meu pai. Seus ombros, antes largos, se transformaram em um mero cabide esquelético, mal visível sob a pele flácida. Seguiu-se o definhamento dos músculos e das forças do corpo, e depois o controle da dor extrema, que culminou no coma, do qual sempre soubemos que ele não sairia. E de que adiantaria sair? Por que acordar para a dolorosa e execrável realidade de um câncer terminal de estômago?

Ele levou quatro meses para morrer, três a mais do que os oncologistas tinham previsto. "Seu pai é um guerreiro", diziam os médicos quando o visitávamos, o que era uma besteira, pois ele já fora completamente derrotado. Se estivesse consciente, papai com certeza ficaria de saco cheio por demorar

tanto para fazer uma coisa tão simples como morrer. Ele não acreditava em Deus, mas sempre fora um devotado membro da Congregação do ou Tropa ou Sai de Cima.

Portanto, sua morte propriamente dita foi mais um derradeiro detalhe triste que um acontecimento em si.

– O enterro é amanhã de manhã – informa Wendy. – Vou pegar um voo com as crianças hoje à noite. Barry está em São Francisco para uma reunião. Vai pegar o corujão.

O marido de Wendy, Barry, é gerente de um grande fundo de investimentos. Pelo que sei, ele é pago para viajar pelo mundo em aviões particulares e perder partidas de golfe para homens mais ricos do que ele que talvez precisem do dinheiro de seu fundo. Há alguns anos, a empresa o transferiu para Los Angeles, o que não faz sentido, já que ele viaja o tempo todo e Wendy certamente preferiria morar na Costa Leste, onde os tornozelos inchados e as gordurinhas pós-gravidez são menos condenados. Por outro lado, porém, minha irmã está sendo muito bem recompensada pelo incômodo da mudança.

– Vai levar as crianças?

– Eu acharia melhor não, pode acreditar, mas uma semana é tempo demais para deixá-las sozinhas com a babá.

As crianças são Ryan e Cole, de 6 e 3 anos – meninos obedientes, de angelicais bochechas rosadas, que jamais encontraram um aposento que não conseguissem destruir em dois minutos –, e Serena, a bebezinha de 7 meses.

– Uma semana?

– É o tempo da shivá.

– A gente não vai mesmo fazer isso, vai?

– Foi o último desejo dele – diz Wendy, e nesse instante penso ouvir a dor nua e crua lá no fundo de sua garganta.

– Paul concordou com isso?

– Foi ele mesmo que me contou.

– O que ele disse?

– Que papai queria que a gente cumprisse a shivá.

Paul é meu irmão, um ano e quatro meses mais velho que eu. Mamã sempre insistiu em dizer que eu não fui um acidente, que a intenção dela fora exatamente essa, engravidar novamente apenas sete meses depois de ter tido Paul. Só que eu nunca engoli isso, principalmente depois de ouvir meu pai, a língua destravada pelos *schnapps* de pêssego do jantar de sexta-feira, admitir

melancolicamente que naquela época eles acreditavam que a mulher não engravidava durante o período de amamentação. Quanto a mim e a Paul, nos damos bem desde que estejamos longe um do outro.

– Alguém falou com Phillip? – pergunto.

– Deixei recado em todos os números de telefone dele que tenho. Se, por alguma chance remota, ele ouvir alguma das mensagens e não estiver preso, drogado ou morto numa sarjeta, existe uma pequena possibilidade de ele aparecer.

Phillip é nosso irmão caçula, nove anos mais novo que eu. É difícil entender a lógica procriadora dos meus pais. Wendy, Paul e eu, todos nascidos no intervalo de quatro anos, e então Phillip, quase uma década depois, incorporado à prole como um apêndice meio esquisito. Ele é o Paul McCartney da família: mais bonito que nós, sempre olhando para o outro lado nas fotos e de vez em quando dado como morto. Quando bebê, era ora mimado, ora ignorado, o que talvez tenha contribuído significativamente para ele ter se tornado um adulto tão problemático. No momento mora em Manhattan, onde seria preciso procurar com muito afinco caso alguém quisesse encontrar uma droga que ele não tenha usado ou uma modelo com quem não tenha transado. Phillip fica sumido por meses, até surgir do nada na sua casa para jantar, quando então menciona, ou não, que esteve na cadeia, ou no Tibete, ou que acabou de se separar de uma atriz quase famosa. Não o vejo há mais de um ano.

– Tomara que apareça – comento. – Ele ficaria arrasado se perdesse o enterro.

– Falando em irmãozinhos problemáticos, como vai a sua tragédia grega?

Às vezes essa falta de tato mordaz de Wendy é divertida, quase charmosa, mas, se existe uma linha que separe grosseria e crueldade, ela nunca reparou. Em geral eu a suporto, mas os últimos meses me deixaram um caco e minhas defesas se esgotaram.

– Tenho que desligar – digo, tentando ao máximo não dar a impressão de que estou prestes a desmoronar.

– Nossa, Judd. Só estava mostrando que me preocupo com você.

– Na sua cabeça pareceu isso, com certeza.

– Ah, não se faça de vítima. Já chega o que eu engulo do Barry.

– Vejo você lá em casa.

– ã-hã, até lá – diz ela, aborrecida. – Tchau.

Fico esperando.

- Ainda está aí? – pergunta Wendy finalmente.

- Não.

Desligo e a imagino batendo o telefone enquanto solta um palavrão atrás do outro como uma metralhadora.

QUARTA-FEIRA

## CAPÍTULO 2

**ESTOU ARRUMANDO A** bagagem no carro para a viagem de duas horas até Elmsbrook quando Jen aparece em seu utilitário branco e estaciona. Ela desce rápido, antes que eu possa escapar. Não a vejo faz algum tempo, não retorno suas ligações nem paro de pensar nela. E aqui está, imaculada como sempre em sua roupa de ginástica colada ao corpo, o cabelo tingido de um tom louro-mel, os cantos da boca ligeiramente erguidos para dar a sugestão de um sorriso de menininha. Conheço todos os sorrisos de Jen, o que significam e aonde levam.

O problema é que toda vez que a vejo me lembro instantaneamente da primeira vez que a vi, cruzando o campus naquela bicicleta vermelha desconjuntada, as pernas compridas pedalando, cabelos ao vento, o rosto corado de animação – todas as coisas em que ninguém quer pensar quando encontra a futura ex-esposa. Postulante a ex-esposa. Ex-esposa eleita. Os livros e os sites de autoajuda ainda não formularam um título adequado para os cônjuges que vão parar no purgatório dos divórcios, aquele destinado a servir de sala de espera até que o tribunal ratifique oficialmente a sua tragédia pessoal. Como sempre acontece ao ver Jen, fico imediatamente mortificado, não porque ela com certeza descobriu que estou morando numa porcaria de porão alugado, mas porque desde que saí de casa basta vê-la para que eu sinta que fui flagrado em um constrangedor momento pessoal – assistindo a um vídeo pornô com a mão dentro da calça ou cantando Air Supply enquanto tiro meleca no sinal fechado.

– E aí? – diz ela.

Jogo a bagagem dentro do porta-malas.

– E aí? – respondo.

Fomos casados durante nove anos. Agora nos cumprimentamos com “e aí?” e evitamos nos encarar.

– Deixei alguns recados na sua secretária eletrônica.

– Andei ocupado.

– Claro.

Seu tom irônico detona em mim o familiar impulso de beijá-la com ardor e ao mesmo tempo apertar seu pescoço até deixá-la roxa. Nenhuma das duas coisas é uma opção a esta altura, por isso me contento em fechar o portamalas com mais força que o necessário.

– Precisamos conversar, Judd.

– Agora não é uma boa hora.

Ela se apressa e se encosta na porta do motorista, me lançando seu sorriso mais sedutor, o mesmo que sempre afirmei me deixar apaixonado como da primeira vez. Só que hoje ela calculou mal, porque no momento esse sorriso só consegue me fazer recordar tudo o que perdi.

– Não há motivo para essa separação não ser amigável – diz ela.

– Você está transando com o meu chefe. Esse é um ótimo motivo.

Jen fecha os olhos, invocando a gigantesca reserva de paciência necessária para lidar comigo. Eu costumava beijar essas pálpebras enquanto ela pegava no sono, sentir entre meus lábios os cílios macios se agitando como asas de borboleta, sua respiração suave me fazendo cócegas no queixo e no pescoço.

– Você tem razão – concorda ela, esforçando-se para não parecer entediada. – Sou uma pessoa imperfeita. Eu estava infeliz e fiz uma coisa imperdoável. Ainda assim, por mais que você possa me odiar por arruinar sua vida, fazer papel de vítima não está adiantando muito para você.

– Ei, eu estou ótimo.

– Ah, é. Você está ótimo.

Jen contempla ostensivamente o lugar caindo aos pedaços onde estou morando – no subsolo. Parece a típica casinha que as crianças desenham: um triângulo sobre um quadrado, com fileiras de tijolos desleixadamente encaixados, uma única janela francesa e uma porta. Os imóveis vizinhos, de ambos os lados, são igualmente decrépitos, em nada semelhantes à pequena e bela construção colonial que compramos com as economias de Jen e onde ela ainda mora, sem precisar pagar aluguel e dormindo com outro homem na cama que era minha.

Os proprietários são os Lees, um inescrutável casal chinês de meia-idade que vive em um estado de mudez perpétua. Jamais ouvi a voz de nenhum dos dois. Ele pratica acupuntura na sala; ela varre a calçada três vezes ao dia com uma vassoura de palha feita à mão que mais parece um objeto cenográfico. Acordo e durmo embalado pelo sussurro de suas frenéticas varridas no

cimento. Fora isso, os dois parecem não existir, e muitas vezes me pergunto por que se deram o trabalho de emigrar. Sem dúvida não faltam nervos a serem espetados e poeira a ser varrida na China.

– Você não compareceu à audiência de conciliação – diz Jen.

– Não gosto do mediador. Ele não é imparcial.

– Claro que é.

– Não diante dos seus peitos.

– Ah, pelo amor de Deus, isso é ridículo.

– Bom, gosto não se discute.

Eu poderia relatar o restante da conversa, mas seria apenas mais do mesmo: duas pessoas cujo amor se tornou tóxico atirando granadas de ressentimento uma na outra.

– Não dá para conversar quando você está assim – conclui Jen, e se afasta do carro bufando.

– Eu sou sempre assim. Este sou eu.

*Meu pai morreu!*, é o que quero gritar para ela, mas não o faço, porque senão Jen vai começar a chorar e, se ela chorar, eu provavelmente vou chorar também, e aí ela vai encontrar uma abertura e não pretendo permitir que a muralha que eu ergui seja invadida por um cavalo de Troia de compaixão. Vou para casa enterrar meu pai e enfrentar minha família. Ela deveria ir comigo, mas não é mais minha esposa. A gente se casa para ter um aliado contra a própria família, e agora lá vou eu para o front sozinho.

Jen balança a cabeça com tristeza e posso ver seu lábio inferior tremer, uma lágrima começando a brotar no canto do olho. Não posso tocá-la, beijá-la, amá-la ou, pelo que estou vendo, nem mesmo ter uma conversa que em menos de três minutos não descambe para recriminações furiosas. Mas ainda consigo deixá-la triste e por enquanto tenho que me contentar com isso. Seria mais fácil, muito mais fácil, se ela não insistisse em ser tão irritantemente bonita, tão sarada, loura, meiga e vulnerável. Porque mesmo agora, depois de tudo o que ela me fez, ainda existe algo em seus olhos que me faz querer protegê-la a qualquer custo, embora eu saiba que na verdade quem precisa de proteção sou eu. Seria muito mais fácil se ela não fosse Jen. Mas ela é, e onde antes havia o amor mais puro existem agora um covil de fúria e ressentimento e um novo amor, sombrio e distorcido, que dói mais que todo o resto junto.

– Judd.

– Tenho que ir – digo, abrindo a porta do carro.

– Eu estou grávida.

Nunca levei um tiro, mas é bem provável que a sensação seja a mesma: aquela fração de segundo de total vazio imediatamente antes que a dor alcance a bala. Jen já engravidou antes. Chorou e me beijou enquanto dançávamos feito dois idiotas no banheiro. Mas nosso bebê morreu antes de nascer, estrangulado pelo cordão umbilical três semanas antes da data prevista para o parto.

– Parabéns. Tenho certeza que Wade será um pai formidável.

– Sei que isso é difícil para você. Só achei que seria melhor saber por mim.

– Agora eu já sei.

Entro no carro. Ela para bem na frente, me impedindo de partir.

– Diga alguma coisa. Por favor.

– Tudo bem. Vá se foder, Jen. Espero que o filho de Wade tenha mais sorte aí dentro que o meu. Quer me dar licença agora?

– Judd – insiste ela, com a voz baixa e meio trêmula. – Não é possível que você me odeie tanto assim.

Olho diretamente em seus olhos com toda a sinceridade que consigo invocar.

– É possível, sim.

E talvez seja o luto pela morte do meu pai que finalmente começou a afetar meus nervos, ou apenas o jeito como Jen recua como se tivesse levado um tapa, mas o fato é que a dor intensa que surge de súbito por trás daqueles olhos enormes como piscinas, vulneráveis nesse exato e único instante, quase basta para me fazer amá-la de novo.

## CAPÍTULO 3

**MEU CASAMENTO ACABOU** da mesma forma como acabam todos os outros: com paramédicos e cheesecake.

Casamentos terminam. Todos têm suas razões, mas ninguém sabe exatamente por quê. Jen e eu nos casamos cedo. Talvez o erro tenha sido esse. No estado de Nova York, é permitido uma pessoa se casar legalmente antes mesmo de ter idade para tomar uma dose de tequila. Sabíamos que poderia ser difícil, mas do mesmo jeito que sabíamos que crianças morrem de fome na África: um fato trágico, mas a muitos mundos de distância da nossa realidade. Com a gente seria diferente. Manteríamos a chama acesa e seríamos melhores amigos que transariam enlouquecidamente todas as noites. Evitaríamos as armadilhas da complacência; iríamos permanecer jovens no espírito e na aparência, continuar com os beijos demorados e intensos e com a barriga sarada, andar de mãos dadas, conversar aos sussurros em plena madrugada, dar uns amassos no cinema e continuar nos devorando sexualmente até que as limitações artríticas da idade avançada tornassem essa atividade pouco recomendável.

– Você ainda vai me amar quando eu estiver velha? – costumava perguntar Jen, em geral quando estávamos na cama em seu quarto no alojamento da universidade, deitados meio sonolentos no colchão, respirando o ar que recendia a sexo, ela de bruços e eu de lado, passando um dedo preguiçoso pelas suas costas até o ponto em que se erguiam as curvas protuberantes de sua linda bunda.

Eu sentia um orgulho babaca daquela bunda quando éramos namorados. Abria portas para Jen só para vê-la rebolar à minha frente, empinada e durinha e perfeitamente proporcional dentro da calça jeans. Pensava: *Isso é que é uma bunda que vale a pena manter ao lado até ficar velho*. O traseiro de Jen era como uma realização pessoal minha. Queria apresentar sua bunda aos meus pais.

– Quando meu peito cair e eu perder os dentes e estiver seca e enrugada como uma uva-passa? – insistia ela.

- Claro que sim.
  - Não vai me trocar por uma garotinha?
  - Claro que vou. Mas vou me sentir mal por fazer isso.
- E ríamos da impossibilidade de tudo aquilo.

O amor nos fez sócios no narcisismo. Falávamos sem parar sobre como éramos próximos, como era perfeita nossa conexão, como se fôssemos as primeiras pessoas da história a fazer aquilo direito. Fomos esse tipo de casal durante algum tempo, idiotas nauseantemente inabaláveis, ocupados em fitar os olhos um do outro enquanto todos em volta tentavam se divertir. Quando penso em como fomos bobos, como teimamos em ignorar a realidade que nos aguardava, quero encontrar de novo aquele garoto magricela e arrogante com o coração inflado e uma ereção perene e quebrar a cara dele.

Tenho vontade de dizer àquele garoto que ele e o amor da sua vida escorregarão lentamente para a rotina; que o sexo, embora ainda muito bom, se tornará tão lugar-comum que não será absurdo imaginar adiá-lo em prol de um programa de TV ou de um lanchinho de fim de noite. Que os dois deixarão de mascarar estrategicamente seus gases e de fechar a porta do banheiro para fazer xixi; que ele vai se sentir cada vez mais desconfortável ao contar histórias divertidas para os amigos na frente dela, porque ela já ouviu todas elas; que ela não vai achar graça das piadas dele do jeito que os outros acham e vai começar a passar cada vez mais tempo ao telefone com as amigas à noite. Que os dois vão travar brigas terríveis pelos motivos mais triviais: não ter trocado o rolo de papel higiênico, ter deixado na pia uma tigela com restos de mingau que vão grudar e nunca mais sair, não administrar direito as finanças. Que um sistema tácito de contagem de pontos entrará em cena, com cada um dos lados anotando o placar segundo suas próprias regras, todas complicadas. Quero me materializar na frente daquele merdinha metido a besta como o Espírito dos Natais Futuros e arrancar dele o impulso matrimonial. *Esqueça essa ideia de casamento*, bradarei. *Contente-se com a tequila*. Depois o levarei em uma viagem no tempo e lhe mostrarei a expressão em meu rosto...

...quando entrei no meu quarto e encontrei Jen na cama com outro homem.

Àquela altura, eu provavelmente já deveria ter desconfiado de alguma coisa. O adultério, como qualquer outro crime, gera indícios, como acontece

com as plantas e seu oxigênio, ou com os humanos e sua... bom, sua merda. Portanto, sem dúvida não faltaram pistas que poderiam ter me levado a imaginar o que estava acontecendo, poupando-me do trauma indizível de efetivamente testemunhar a cena. As pistas já vinham se amontoando havia algum tempo: e-mails não lidos estando a apenas um clique de serem abertos, um número desconhecido na conta do celular dela, um telefonema rapidamente encerrado quando eu entrava no quarto, o recibo de algum pagamento inexplicado, uma leve marca de mordida na base do pescoço que eu não me lembrava de ter feito, sua libido consideravelmente reduzida. Nos dias que se seguiram ao flagra, revi o último ano do nosso casamento como se faz com as fitas da câmera de segurança depois de um assalto, imaginando como eu podia ter sido tão burro, como havia sido necessário que eu topasse com eles para compreender a situação. E mesmo então, enquanto eu observava os dois se contorcendo e gemendo na minha cama, levei um tempinho para ligar os pontos.

Porque o negócio é o seguinte: por mais que a gente goste de sexo, tem alguma coisa chocante e curiosamente perturbadora em se testemunhar o sexo de terceiros. A natureza deu muito duro para determinar o processo da cópula de forma que não tivéssemos uma visão muito clara do ato quando o praticássemos. Porque, sejamos francos, sexo é uma coisa suja, bruta, quase sempre grotesca de se ver: os pelos; as carnes vermelhas unidas; os orifícios escancarados; os órgãos despidoradamente expostos. E a violência do ato em si, primitiva e elementar, nos recordando que somos todos apenas animais burros agarrados ao nosso posto na cadeia alimentar, comendo, dormindo e fodendo o máximo possível antes que algo maior apareça e nos devore.

Por isso, quando cheguei mais cedo do trabalho no dia do 33º aniversário de Jen e a vi deitada de pernas abertas na cama, enquanto a bunda grande e roliça de um homem se mexia sobre ela no ritmo universal da procriação, as mãos debaixo da bunda dela, erguendo-a a cada investida, os dedos dela deixando marcas brancas ao apertarem as costas dele... Bem, levou algum tempo até minha mente processar o que eu estava presenciando.

Não registrei de imediato que era Jen ali na cama. Eu só sabia que aquela era a minha cama e que o único homem com direito de fazer sexo ali era eu. Considerei por um instante a possibilidade de estar na casa errada, mas ela me pareceu remota, e bastou uma rápida olhada para a foto de Jen na me-

sinha de cabeceira, jovem e radiante em seu vestido de noiva, para eu ter a confirmação de que era o lugar certo. O que na verdade não foi um grande alívio, embora chegar a cometer esse erro de entrar na casa do vizinho e subir até o quarto sem perceber o equívoco pudesse ser um sinal de que se pode esperar o pior de um eletroencefalograma. Se eu tivesse flagrado os vizinhos trepando que nem cachorros no meio da tarde, duvido que o pedido mais sincero de desculpas fosse aceito, sem contar que eu jamais conseguiria encará-los de novo, muito menos pedir que pegassem minha correspondência quando eu estivesse viajando. Para completar, nossos vizinhos, os Bowens, tinham quase 70 anos, e o Sr. Bowen vinha se dedicando a comer o suficiente para sofrer seu terceiro infarto. Mesmo que continuasse sexualmente ativo, o que me parecia pouco provável, dada a circunferência de sua barriga gelatinosa, o efeito de uma intrusão tão intempestiva seguramente lhe causaria uma parada cardíaca. Assim, levando tudo isso em consideração, talvez não fosse de todo ruim o fato de eu estar na minha própria casa.

Só que, nesse caso, a situação criava algumas possibilidades perturbadoras. A mais óbvia delas era a de que a mulher se contorcendo na cama em uma poça do próprio suor, inserindo o indicador, com sua unha francesinha, no ânus do amante, fosse minha esposa, Jen.

O que, é claro, eu já sabia desde o instante em que pisara no quarto. Meu cérebro, porém, me protegera contra a verdade, fornecendo pequenos pensamentos desconexos a serem processados com a única finalidade de me manter distraído enquanto, nos bastidores, meu inconsciente tentava juntar os fatos e preparar uma estratégia de controle de danos. Por esse motivo, em vez de pensar imediatamente *Jen está transando com alguém, meu casamento acabou*, ou algo do gênero, meu pensamento seguinte na verdade foi: *Jen nunca enfia o dedo no meu rabo durante o sexo*. Não que eu quisesse isso, sobretudo agora que eu via em primeira mão, digamos assim, por onde aquele dedo andava. A gente fazia umas coisas divertidas e marotas de vez em quando, Jen e eu – posições, objetos, sobremesas cremosas etc. –, mas eu me encaixava direitinho naquela categoria de homens que simplesmente nunca sentem o desejo de botar a própria bunda no pacote de inovações. Não que eu julgue os que sentem esse desejo. Com exceção do homem que agora se encontrava empalado até a falangeta do indicador da minha mulher, o dedo vizinho daquele usado por ela para fazer um gesto obsceno na semana anterior, quando fomos cortados na pista seletiva, e a dois dedos de distância daquele que ostentava a aliança de brilhantes que eu lhe dera no

nosso aniversário de cinco anos de casamento. Esse homem eu julgava impiedosamente, para ser franco. Tão impiedosamente que levei um tempinho extra para me dar conta de que ele era, na verdade, Wade Boulanger, uma celebridade do rádio que, além de estar comendo minha mulher e aparentemente gostando daquele estímulo anal, era meu chefe.

Wade é o astro de um popular programa matinal da rádio WIRX chamado *Bolas em jogo com Wade Boulanger*. Ele fala de sexo, carros, futebol e dinheiro. Mas sobretudo de sexo. Conversa no ar com atrizes pornô, strippers e prostitutas. Recebe telefonemas de homens e mulheres que lhe contam, em detalhes sórdidos, suas vidas sexuais. Anuncia e depois avalia os próprios peidos. Aos ouvintes com dor de cotovelo e sedentos de sexo que ligam para o programa, ele diz: “Honre suas bolas!” Existem camisetas, canecas e adesivos com esse bordão. Trata-se de um babaca profissional, filiado a doze sindicatos. Os anunciantes fazem filas como cordeirinhos.

Não estou desdenhando o programa. Eu era o produtor. Selecionava os convidados. Supervisionava os estagiários que filtram as ligações e os nerds da informática que gerenciam o site. Fazia reuniões com os chefões da emissora para tratar de formato e patrocínio. Era o elemento de ligação com os setores jurídico, de RH e de publicidade. Encomendava o almoço e acionava o sinal para abafar os palavrões.

Eu tinha acabado de me formar e estava trabalhando como assistente na WRAD, uma pequena estação de rádio local, quando a carreira de Wade começou a deslançar. Por algum motivo, ele gostou de mim. Seu produtor tinha sido demitido por conta de um problema com a agência reguladora dos meios de comunicação, então Wade me contratou. Tínhamos longos almoços depois do programa e passávamos tardes inteiras em restaurantes à custa da emissora, tomando martinis e bolando tiradas. Wade dizia que eu era a voz da razão para ele, valorizava minha opinião e me levou junto quando saiu da afiliada local para a WIRX. E quando o programa passou a ser transmitido em cadeia nacional, ameaçou dar o fora porque a emissora torceu o nariz para o meu contrato.

Wade é alto e musculoso, tem cabelo escuro e espetado e uma covinha que faz seu queixo parecer uma bunda minúscula. Seus dentes são de um tom de branco inexistente na natureza. Aos 40 anos, ele ainda faz menção aos colegas de fraternidade da época da universidade como se isso fosse importante,

avalia em voz alta os peitos que passam por ele e os chama de tetas. Wade é desse tipo. É fácil imaginá-lo como universitário, virando canecas de chope e sendo aplaudido, humilhando os tímidos e botando tranquilizantes nos copos plásticos das calouras bonitas durante as chopadas.

Não há nada na vida, nada mesmo, que nos prepare para a experiência de ver nossa mulher trepando com outro homem. É um daqueles acontecimentos surreais que imaginamos em um ou outro momento, mas sem qualquer definição, como morrer ou ganhar na loteria. Quando se trata de como reagir, esse é um território desconhecido. Assim, na ausência de qualquer reação, fiquei ali congelado, olhando para o rosto de Jen enquanto Wade entrava e saía dela como o pistão de um motor grande e peludo. A cabeça dela estava jogada para trás, o queixo apontando para cima, e ela ofegava pesadamente pela boca escancarada, os olhos quase fechados em uma nítida expressão de prazer. Tentei lembrar se algum dia ela parecera tão intensamente envolvida, tão lindamente vadia enquanto transávamos, mas não dava para saber. Nunca estive naquele privilegiado posto de observação. Além do mais, fazia séculos que não transávamos durante o dia, e à noite é difícil enxergar as nuances da expressão do parceiro. Então Jen deixou escapar um gemido longo, urgente, que começou grave e depois se elevou, subindo algumas oitavas até virar uma espécie de uivo de filhotinho de cachorro machucado. Tive certeza absoluta de que jamais a ouvira fazer um som daqueles. E enquanto ela uivava, suas mãos deslizaram pelas costas de Wade para lhe agarrar o traseiro e fazê-lo penetrá-la mais fundo.

Então me peguei pensando no pau de Wade Boulanger.

Para ser mais específico, me perguntei: será que é maior que o meu? Mais grosso? Mais duro? Seria levemente encurvado, alcançando pontos dentro do corpo dela que o meu nunca atingira, pedacinhos de tecido macio até então intocados, levando-a a gritar daquele jeito? Será que Wade era mais habilidoso na cama? Teria estudado técnica tântrica? Sem dúvida já dormira com prostitutas e atrizes pornô suficientes para adquirir orientação prática. De onde eu estava, Wade definitivamente parecia saber o que fazia, mas, para ser justo, eu nunca me vira trepando. Jen e eu nunca nos filmamos, como fazem alguns casais, e agora eu meio que me arrependia disso. Rever as fitas de vez em quando talvez tivesse sido útil. Pelo que eu sabia, eu era tão convincente quanto ele. Mas aquele uivo... Havia mais

de dez anos que eu e Jen fazíamos todo tipo de sexo e ela jamais uivara assim. Eu me lembraria.

Percebi que já estava pensando em como iria contar tudo aquilo a Jen – à minha Jen –, como descreveria aquela insanidade para ela, à noite, quando chegasse em casa. Mas eu já estava em casa. E a minha Jen não existia mais. Tinha evaporado no ar bem diante dos meus olhos. E aquela nova Jen, aquela Jen que uivava e gritava e enfiava o dedo no ânus alheio, não precisava que eu lhe contasse coisa nenhuma. Ela é que tinha algumas coisinhas para me contar.

Senti uma profusão de pontadas no estômago, a primeira pista de que a angústia começava a se formar nos recônditos mais sombrios das minhas entranhas. Era só um começo, mas eu já podia sentir o calor intenso subindo para o meu peito como um raio laser concentrado, e logo vi que quando o mundo voltasse a girar, a angústia iria explodir em um lampejo incandescente e me incinerar.

E os dois continuavam trepando, vai e vem, sobe e desce, ai ui, como se tentassem bater um recorde, e, como pano de fundo para tudo aquilo, aqueles sons em que não pensamos, o gruda-desgruda, o ruído de sucção semelhante a um pum, os barulhos da cópula, o ar denso com o odor pungente do sexo deles. E eu ali, parado, deixando aquilo tudo acontecer, tremendo como vara verde. Então Wade ergueu a perna esquerda de Jen acima da própria cabeça e a deixou cair sobre a direita, virando minha mulher de lado sem jamais perder o ritmo. Esse pequeno número de acrobacia sexual não era uma manobra fácil de realizar sem interromper a penetração, mas a facilidade com que Wade o fez e o jeito como Jen se deixou virar prontamente deixavam claro que os dois já haviam tentado aquilo antes. Foi quando cogitei quanto tempo fazia que aquilo vinha acontecendo: um mês? Seis meses? Quantas posições eles já haviam dominado com maestria? Quanto do meu próprio casamento era uma mentira? Jen estava trepando de ladinho com Wade Boulanger na minha cama, sobre o edredom Ralph Lauren, agora todo amassado, que ela comprara na Nordstrom quando nos mudamos para aquela casa. Minha vida, tal como eu a conhecia, estava acabada.

Acho que este é um bom momento para mencionar que eu estava segurando uma grande torta de aniversário.

\* \* \*

Eu saíra mais cedo do trabalho para ir buscar a torta, um cheesecake de chocolate e morango, o favorito de Jen. Ela sempre faltava ao trabalho no dia do seu aniversário. Íamos jantar fora mais tarde, mas eu chegara antes da hora para fazer uma surpresa com a torta. Antes de entrar em casa, abri a caixa e plantei 33 velas nela além de uma extra, para dar sorte. Parei no hall para acendê-las com um comprido acendedor de forno comprado especialmente para essa finalidade. Já estava ouvindo barulhos lá em cima, por isso me livreii da caixa e subi a escada devagar e na ponta dos pés, como um gatuno, com o máximo de cuidado a cada passo para manter as velas acesas. Agora elas já estavam pela metade e pingos de cera vermelha derretida maculavam a cobertura branca, como sangue na neve. Se as coisas tivessem corrido de acordo com o planejado, Jen já as teria soprado. Depois tiraria um naco da cobertura com o dedo e o lamberia, me beijando com sabor de cream cheese nos lábios, e então viveríamos felizes para sempre. Mas eu não me programara para aquele imprevisto, e agora a torta já era.

Mais tarde, eu sabia, haveria um rosário de perguntas dolorosas que não levariam a lugar nenhum. Como ela pudera fazer aquilo? Desde quando aquilo vinha acontecendo? Por quê? Os dois estavam apaixonados ou só interessados na emoção do sexo ilícito? Que resposta eu preferia?

Eu não queria realmente saber a resposta a nenhuma dessas perguntas. Quando se é testemunha da cópula ilícita da própria esposa, muito provavelmente é mais fácil encerrar a questão com uma Magnum 357 à queima-roupa do que pelo método científico. Mas eu sabia que perguntaria mesmo assim, porque é o que se faz. Eu tinha sido enfiado à força em um filme, e não havia alternativa a não ser seguir o roteiro. Mas naquele momento, naquele exato instante, me ocorreu, como uma revelação, a pergunta mais importante a se fazer – e cuja resposta eu tinha absoluta certeza de que logo descobriria. A pergunta, em sua forma mais simples, era: Qual a extensão do estrago que eu conseguiria produzir enfiando na bunda de Wade Boulanger um cheesecake de chocolate e morango com 33 velas acesas, além de uma extra para dar sorte?

Um puta de um estrago, como ficou constatado.

A partir de então, muita coisa aconteceu, rápida e simultaneamente.

A primeira delas foi que Wade gritou. Não porque de repente sua bunda se encheu de cheesecake de chocolate e morango, embora sem dúvida isso já

fosse um bom motivo. Graças a um paramédico indiscreto, descobri que Wade gritou porque, antes de penetrar minha mulher, ele aplicara no pau um creme anunciado em seu programa de rádio que prometia melhorar o desempenho sexual e que, embora ele não soubesse, era altamente inflamável. Agora, graças às 33 velas de aniversário, além de uma extra para dar sorte, seus testículos estavam em chamas. O rótulo do produto não trazia alerta algum, provavelmente porque a maioria dos homens tem o costume de manter a própria genitália longe de chamas. Assim, Wade berrou enquanto alçava voo de cima – e de dentro – de Jen, rolando na cama agarrado ao escroto incandescente e se colocando de barriga para cima. Para piorar a situação, ele estava a poucos segundos de gozar quando pegou fogo, e agora, mesmo ao se contorcer de dor, continuava ejaculando para o ar tirinhas de sêmen cozido.

Enquanto Wade gritava, ardia e gozava calorosamente nas mãos, Jen também gritava, rolando na cama o mais rápido possível na direção oposta. Ela gritava, em primeiro lugar, porque Wade saíra dela com muita força, batendo com a testa em seu nariz com tanta violência que os olhos dela se encheram de lágrimas. Depois, através do prisma caleidoscópico das próprias lágrimas, ela me viu de pé diante da cama, as mãos cobertas de gosma de queijo vermelha e marrom; por isso seu grito foi, ao mesmo tempo, de surpresa e vergonha, acrescentando-se a isso a dor de quando ela rolou para fora da cama e aterrisou como uma trouxa no chão sobre o salto do mocassim de 400 dólares de Wade, que, virado ao contrário, se enterrou dolorosamente em sua coxa.

E eu gritei também, porque o que senti naquela hora foi bem pior do que uma queimadura no saco ou uma fratura no nariz – que Jen mais tarde descobriria que sofrera. Aquele cômodo desfigurado tinha sido meu quarto; aquela cama lambuzada de cheesecake e fluidos corporais fora minha; e aquela mulher nua, acovardada e encolhida no chão havia sido minha esposa. E agora, em questão de segundos, eu perdera tudo isso.

Então todos pararam de gritar e seguiu-se um daqueles momentos de silêncio mortal em que você simplesmente fica parado sentindo o planeta girar debaixo dos seus pés até perder o equilíbrio. O cheiro de sexo e de escroto queimado enchia o ar como um vazamento de gás, e juro que se alguém acendesse um fósforo teria havido uma explosão.

– Judd! – gritou Jen, do chão.

Ainda gemendo de dor, os olhos brilhando de terror diante dos danos inimagináveis que seus testículos podiam ter sofrido, Wade se levantou de

qualquer jeito da cama e correu para o banheiro, batendo a porta. Homens nus não deveriam correr. Dava para ouvir, mesmo com a porta fechada, o barulho da água pontuado pelos palavrões guturais de Wade.

Olhei para Jen, sentada nua no chão, as costas apoiadas na mesinha de cabeceira e os joelhos erguidos, esmagando os seios. Ela soluçava com a cabeça nas mãos, e tive o impulso de me ajoelhar e puxá-la para meus braços, que seria o que eu faria em praticamente qualquer outra circunstância. Na verdade, cheguei a me pegar indo em sua direção, mas me obriguei a parar. Fazia apenas um minuto ou pouco mais que eu entrara no quarto, e meu cérebro ainda não havia se adaptado àquele mundo repentinamente transformado, no qual eu não mais consolava Jen porque tinha ódio dela. Eu não passava de um redemoinho de reflexos ultrapassados e impulsos violentos e não tinha a mais vaga ideia do que fazer. A vontade de sair correndo dali era sufocante, mas deixar aqueles dois na minha casa me parecia uma rendição incondicional. Eu precisava escapar, me esconder, dar o fora dali, chorar, enfiar os dedos nos olhos de Wade e esmagá-los nas órbitas, abraçar Jen, estrangular Jen, me matar, dormir e acordar de novo aos 20 anos, tudo ao mesmo tempo. Um colapso nervoso não estava fora de cogitação.

Devastada, Jen ergueu os olhos vermelhos e cheios de lágrimas para mim. Sangue e coriza escorriam do seu nariz e desciam pelo queixo até cair no peito. Senti pena dela, de verdade, e me odiei por isso.

– Não acredito que você fez isso – ouvi-me dizer.

– Eu sinto tanto... – desculpou-se ela, estremecendo dentro dos próprios braços.

– Ponha uma roupa e tire esse cara da minha casa.

Essa foi toda a nossa conversa. Nove anos de casamento encerrados num piscar de olhos, e não havia muito que dizer. Saí do quarto batendo a porta atrás de mim com força suficiente para fazer alguma coisa cair, produzindo um ruído metálico. Fiquei parado no corredor por um momento, abalado e perdido, soltei finalmente o ar que eu não me dera conta de estar prendendo e descí a escada para transformar em cacos a porcelana da avó dela, tarefa que eu ainda não terminara quando a polícia e a ambulância chegaram.

– E agora? – perguntou Jen.

Estávamos de pé na cozinha, tentando ter uma conversa em meio às copiosas ruínas da porcelana em pedaços.

– Cale a boca.  
– Sei que não faz diferença alguma para você neste momento, mas não consigo nem dizer quanto lamento tudo isso.

– Pare de falar.

A conversa não estava indo muito bem.

– Não existe desculpa para o que eu fiz. Eu já estava infeliz havia tanto tempo, sabe, me sentindo meio perdida, e...

– Será que dá para você calar a boca, porra? – gritei.

Jen se encolheu como se achasse que eu fosse bater nela. Seu nariz já inchava bastante e começava a adquirir uma feia tonalidade de roxo no ponto em que fora atingido pela testa de Wade. Quando as fofocas sobre os nossos problemas se espalhassem pela vizinhança, aqueles hematomas no rosto de Jen virariam tema de especulação incessante para as donas de casa sussurra-rem entre si enquanto tomavam seus cafezinhos com adoçante.

Fechei os olhos e massageei as têmporas.

– Vou lhe fazer algumas perguntas e quero que você responda com o mínimo de palavras possível. Entendeu?

Ela assentiu.

– Há quanto tempo você e Wade estão trepando?

– Judd...

– Responda à pergunta!

– Pouco mais de um ano.

Seria de imaginar, depois dos acontecimentos da última meia hora, que eu já estaria imune a choques. Pouco mais de um ano não era um casinho, uma simples puladinha de cerca. Era um relacionamento. Significava que Jen e Wade haviam comemorado um aniversário. No nosso primeiro aniversário de casamento, nos hospedamos em uma pousada em Newport. Jen vestiu um robe lilás e eu li para ela um poema bobo que a fez chorar tanto que no final do dia eu ainda podia sentir o gosto salgado das lágrimas no seu rosto. Como será que Jen e Wade tinham comemorado seu primeiro ano juntos? Aliás, a partir de que data haviam começado a contagem? A partir do primeiro flerte? Do primeiro beijo? Da primeira trepada? Da primeira vez em que algum dos dois dissera “eu te amo”? Jen era não só sentimental como meticulosa em relação ao calendário, portanto sem dúvida ela sabia as datas exatas de cada um desses marcos.

Durante o último ano, então, Jen vinha aproveitando todas as possibilidades para escapulir e transar com Wade Boulanger, meu chefe excessivamente

atlético, o macho alfa em pessoa. Para mim isso era inconcebível, tão inconcebível quanto descobrir de repente que Jen era uma assassina em série, o que na verdade seria preferível. Eu assistiria ao julgamento, assentindo, tristonho, quando saísse o veredicto de culpada, contaria minha história na revista *People* e seguiria em frente com a minha vida. Ao menos eu teria a certeza de onde iria dormir aquela noite.

– Pouco mais de um ano – repeti. – Meio mentirosa você, hein?

– Sim, me tornei uma mentirosa – concordou Jen, enfrentando meu olhar com uma expressão de quase desafio.

– Você ama esse sujeito?

Ela desviou o olhar.

Por isso eu não esperava, e doeu.

Jen suspirou, um suspiro longo, dramático, de autopiedade, enquanto eu ponderava as possíveis consequências de cortar sua garganta com um caco de porcelana.

– Nossos problemas começaram muito antes dessa história com Wade.

– Bom, nada que se compare aos problemas que temos agora.

Talvez ela tenha dito alguma coisa depois disso, mas eu já não estava mais ouvindo. Notei apenas o ruído da porcelana sendo esmagada pelos meus pés quando atravessasse a cozinha, o rangido lamentoso da porta da casa quando a abri e o súbito sibilar do ar que expeli quando finalmente meu corpo se lembrou de voltar a respirar.

E agora, o que vai ser?

Permaneci sentado no carro, ainda parado na entrada da casa, segurando o volante com tanta força que os nós dos meus dedos estavam brancos. Fiquei paralisado pela indecisão. Não há nada mais triste do que se ver em um carro sem ter para onde ir. Exceto, talvez, estar sentado em um carro na entrada da casa que de repente não é mais sua. Porque, em geral, mesmo quando não se tem para onde ir, no mínimo se pode ir para casa. Jen não havia apenas me traído, tinha me deixado sem teto. Uma raiva fumegante coloriu meu medo como sangue na água, me fazendo tremer. Eu queria esganar Jen, sentir seu pescoço se quebrar sob meus polegares. Queria apunhalar Wade com uma daquelas facas curvas criadas pelas tribos aborígenes para estripar seres humanos, cravá-la no esterno dele e descer pelo peito para perfurar órgãos vitais, ver o sangue escuro, engrossado por pedacinhos de tecido

arrastados no caminho, sair em golfadas pela sua boca. Queria cometer um suicídio dramático, atravessando com o carro a mureta da ponte sobre o rio Hudson, deixando Jen paralisada por uma culpa que a assombraria pelo resto da vida, da mesma forma que – eu tinha certeza – daquele momento em diante eu seria eternamente assombrado pela visão de Wade metendo nela. Mas Jen provavelmente apenas voltaria para a terapia, talvez até para aquele psicanalista que ela abandonara por ele ter a mania de abraçá-la bem apertado ao final de cada sessão, um freudiano tentando tirar uma casquinha. De alguma forma ele a convenceria de que era ela a vítima em tudo aquilo, que voltar a ser feliz era uma dívida consigo própria, e assim minha morte teria sido em vão. O melhor que eu poderia esperar era que ela traísse Wade com o terapeuta tarado, mas dava para chamar de traição sendo o traído um amante? Eu era novo nisso tudo e não conhecia o protocolo.

Pelo retrovisor eu via a fachada da casa, os cantos inferiores da janela da sala, a linha na qual a fundação de pedra cedia espaço para os tijolos vermelhos imbricados. Toda a minha vida, a soma total da minha existência, se achava contida atrás daquela parede; eu sentia que deveria ser capaz de sair do carro, adentrar a casa pela porta da frente e simplesmente reivindicá-la. A porta emperraria; isso sempre acontecia nos meses mais quentes, e era preciso forçar com o ombro, empurrando a madeira maciça e girando a maçaneta ao mesmo tempo. As chaves estavam bem à mão, chacoalhando de encontro ao volante que eu não sabia para onde virar.

*Mas que merda de bosta de caralho eu faço agora?*

Consultei o relógio, o Rolex Cosmograph Daytona de ouro branco que Jen me dera de presente pelos meus 30 anos. Para mim, meu velho Citizen estava ótimo, eu até sentia falta dele depois que ela me deu aquele cebolão chamativo, mas coisas assim eram importantes para Jen. Ela se adaptara ao subúrbio chique como uma atriz entrando em um novo personagem e sempre fizera questão de que nós dois nos esmerássemos em nossos papéis.

– Podíamos fazer uma viagem incrível pelo preço deste relógio – objetei na época.

– Ainda podemos fazer uma viagem incrível – argumentou ela. – Viagens vêm e vão. Um relógio como esse é um patrimônio.

Eu era jovem demais para ter patrimônio. A palavra invocava imagens de velhos presos à cama, com as unhas dos pés muito grossas e os pulsos esqueléticos, murchando em quartos bolorentos que cheiravam a desinfetante e decomposição.

– São cinco prestações da casa – insisti.

– É um presente – disse Jen, ficando toda irritada como às vezes acontecia com ela.

– Um presente pago com o meu dinheiro.

Eu já estava casado havia tempo suficiente para saber que a observação era feia e rude e em nada construtiva, mas fui em frente e disse mesmo assim. Eu fazia isso às vezes. Não saberia nem começar a explicar por quê. O casamento produz certos padrões de comportamento específicos para cada casal. Jen era geneticamente incapaz de fazer qualquer tipo de pedido de desculpas verbal. Eu às vezes dizia umas merdas que não eram de todo propositais. Aceitávamos esses defeitos em nós mesmos e um no outro, menos nos momentos em que eles surgiam em tempo real, ocasiões em que precisávamos resistir bravamente ao impulso de acabar com a raça um do outro.

– Quer dizer que o nosso dinheiro é seu? – indagou Jen, os olhos se iluminando com o júbilo da indignação.

E assim, sem mais nem menos, ela conseguia nos transferir com perfeita fluidez para outra briga. Esse era um talento que ela aperfeiçoara com o tempo, como um boxeador que investe contra o outro e logo salta para trás antes que venha o contragolpe. Discutir com Jen sempre foi uma receita infalível para me deixar zozzo.

No final, acabei ficando com o relógio; nunca houve, de fato, alternativa. O Citizen foi relegado ao pequeno compartimento da minha gaveta de meias em que eu guardava as chaves do nosso antigo apartamento, uns dois ou três celulares velhos, minha carteira de estudante da faculdade, um par de estrelas de arremesso japonesas da minha breve fase ninja no ensino médio, a bola lançada fora por Lee Mazzilli que peguei no Shea Stadium quando era garoto e um punhado de outros artefatos pertencentes a versões de mim mesmo havia muito mortas e devidamente enterradas.

E agora o Rolex dizia que eram três horas da tarde. Eu precisava de algum tempo para pensar, para refletir sobre a situação, definir o que fazer em seguida. Apertei alguns botões no meu celular, dei uma olhada na agenda de telefones, mas já sabia que não ligaria para ninguém. Talvez Jen e eu ainda pudéssemos contornar a situação, e se isso acontecesse não iríamos querer que nos olhassem de banda. Eu sabia que danos irreparáveis haviam sido causados, que a inocência fora perdida e a confiança, estraçalhada, mas, ainda assim, restava o enigma atemporal: se a sua mulher dorme com o seu patrão mas ninguém sabe, será que isso aconteceu mesmo? Não havia nin-

guém para quem ligar, nenhum amigo que não fosse também amigo de Jen. Pensei em telefonar para minha mãe, mas meu pai estava em coma e isso já era problema suficiente para ela. Minha vida estava em queda livre e eu não tinha a quem recorrer. Uma fria sensação de desamparo se instalou em algum lugar no fundo da minha garganta e de repente não me vi mais furioso ou arrasado, e sim morrendo de medo da imensa e latejante solidão que só agora começava a apertar meus órgãos como um torno.

Atravessei de carro o pequeno bairro comercial de Kingston, passei pela estação ferroviária e cheguei à passagem de nível 1-87. Parei no acostamento e fiquei observando a estrada durante um tempo, os caminhões gigantescos e o pessoal que sai um pouco mais cedo do trabalho, todos passando em disparada, tentando se antecipar ao tráfego da volta para casa que logo engarrafaria a pista no sentido norte. Cogitei pegar aquela estrada e seguir rumo ao norte, parando apenas para abastecer e comer uns donuts até alcançar o Maine. Eu encontraria uma cidadezinha costeira, alugaria uma casinha e começaria do zero. Os invernos seriam difíceis de enfrentar, mas eu trocaria meu Lexus por uma picape bem robusta com correntes nos pneus. Arrumaria um emprego, quem sabe algo que envolvesse trabalho manual, beberia no bar local, adotaria um labrador de um olho só e faria amizade com os pescadores, que implicariam comigo por causa da minha origem e talvez até me apelidassem de “Nova York”. Com o tempo eu desenvolveria um leve sotaque compatível com o local. Haveria uma mulher lá, vinda de um outro lugar, também fugindo de um passado feio. Ela seria bonita e vulnerável e nos tornaríamos íntimos imediatamente, nos amaríamos com intensidade, do jeito que só gente de passado atribulado consegue amar. Nada mais teria importância. Todos na cidade iriam ao casamento, que seria realizado no coreto cercado de grama da praça principal. Receberíamos os cumprimentos sob a marquise do restaurante local, bem ao lado do quadro que anuncia os pratos do dia.

Mas então a realidade voltou a se impor. Não haveria casinha no Maine, nem labrador de um olho só, nem uma mulher bonita de olhos escuros para juntar os cacos do que sobrara de mim. Por um instante fiquei ali, lamentando essa perda. Até que finalmente dei meia-volta com o carro, ainda tremendo – não havia parado de tremer desde que saíra de casa –, e voltei para a cidade, dizendo a mim mesmo que a autoestrada continuaria lá amanhã, mas que por enquanto eu teria que descobrir uma opção um pouquinho mais perto de casa.

Não me orgulho de muita coisa do que se passou durante as semanas seguintes. Entrei em hibernação no porão úmido que aluguei dos Lees, criando raízes no sofá desconjuntado que o anúncio chamava de “canapé”. O cômodo cheirava a mofo e a sabão em pó, e quando havia silêncio eu escutava o barulho da lâmpada, a única no aposento, chiando no bocal, já que não tinha lustre nem nada. Via TV praticamente 24 horas por dia. Quase não tomava banho e deixei a barba crescer. Praticava uma masturbação fúnebre. Raspei a barba, deixando apenas um cavanhaque, e engordei 6 quilos. Escrevi longos e humilhantes e-mails para Jen, críticas raivosas e súplicas patéticas, teclando furiosamente no meu BlackBerry até sentir os polegares arderem, xingando, censurando, pedindo, implorando e, afinal, deletando. Ficava ali deitado à noite olhando para o teto enquanto o encanamento velho da casa chacoalhava e rangia com violência por trás da parede fina, e imaginava Jen e Wade trepando como astros pornô no ritmo dos barulhentos canos: *Bang! Bang! Bang!* Então vinha o clímax, que era o som da água correndo por dentro das paredes toda vez que um dos Lees dava descarga, o que acontecia basicamente a cada quinze minutos. Deus do céu, aqueles dois só sabiam mijar. A noite toda, a intervalos regulares, eu os ouvia lá em cima, os passinhos rápidos da Sra. Lee, o arrastar dos chinelos do Sr. Lee, a batida pesada do assento de plástico da privada e depois a descarga, que soava tal qual uma cachoeira ultraveloz atrás da parede de gesso do porão. Eu tinha 34 anos, perdera minha casa e agora me via deitado num sofá-cama velho num porão alugado, ouvindo os proprietários cagarem e mijarem no meio da noite enquanto minha ex-mulher e meu ex-patrão assombravam minha mente em posição de 69. Eu tinha chegado ao fundo do poço e ainda estava cavando.

## INFORMAÇÕES SOBRE OS PRÓXIMOS LANÇAMENTOS

Para saber mais sobre os títulos e autores  
da EDITORA ARQUEIRO,  
visite o site [www.editoraarqueiro.com.br](http://www.editoraarqueiro.com.br),  
curta a página [facebook.com/editora.arqueiro](https://facebook.com/editora.arqueiro)  
e siga @editoraarqueiro no Twitter.

Além de informações sobre os próximos lançamentos,  
você terá acesso a conteúdos exclusivos e poderá participar  
de promoções e sorteios.

Se quiser receber informações por e-mail,  
basta cadastrar-se diretamente no nosso site  
ou enviar uma mensagem para  
[atendimento@editoraarqueiro.com.br](mailto:atendimento@editoraarqueiro.com.br)



[www.editoraarqueiro.com.br](http://www.editoraarqueiro.com.br)



[facebook.com/editora.arqueiro](https://facebook.com/editora.arqueiro)



twitter: @editoraarqueiro

Editora Arqueiro  
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia  
04551-060 – São Paulo – SP  
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818  
E-mail: [atendimento@editoraarqueiro.com.br](mailto:atendimento@editoraarqueiro.com.br)